

OE06: Estimular modelos e instrumentos de financiamento do desenvolvimento urbano sustentável

Participantes:
Hector Sousa
Cátia Muniz
Hélio Costa

[Trilha]

Hector Sousa: Seja muito bem-vinda e bem-vindo ao podcast meio fio. Seu podcast sobre Desenvolvimento Urbano Sustentável. Eu sou Hector Souza e estou aqui com mais um episódio da Carta Brasileira para Cidades Inteligentes e vamos dar continuidade à série sobre os Objetivos Estratégicos da Carta. Aqui pra tocar essa conversa está Cátia Muniz, Cátia, bem-vinda.

Cátia Muniz: Olá Hector, olá ouvintes do meio-fio. No episódio de hoje iremos continuar conversando sobre os objetivos estratégicos da Carta Brasileira para as Cidades Inteligentes. Falaremos então, sobre o Objetivo 6 que tem a intenção de estimular a gestoras e também os gestores municipais a adotarem modelos e instrumentos de financiamento para que possam promover o Desenvolvimento Urbano Sustentável e o contexto da transformação digital em suas cidades. Convidamos o professor Hélio Costa Júnior para conversar conosco sobre o assunto. O Professor Hélio já esteve aqui com a gente no episódio anterior falando sobre o Objetivo Estratégico cinco. Quem ainda não ouviu os outros episódios, eles estão todos disponíveis no Podcast Meio Fio. Convido agora o professor Hélio a se apresentar novamente para quem ainda não teve a oportunidade de conhecê-lo. Bem-vindo professor Hélio ao Podcast Meio Fio.

Hélio Costa: Olá, obrigado. Obrigado pelo convite, é um prazer estar aqui de novo, né?! Conversando sobre um tema que a gente gosta, né?! Então eu sou pesquisador na Universidade Federal de Alfenas no Campus de Varginha no Sul de Minas Gerais e pesquiso sobre a área de inovação e tecnologia, desde que eu nem sei mais quando há muitos anos atrás e mais recentemente, acerca de uns 10 ou 15 anos, eu me dediquei a pesquisar sobre tecnologias, inovação no setor público, né? E Tecnologias para as Cidades Inteligentes. Hoje a gente lidera um grupo de pesquisa aqui na universidade, chamado “Políticas Públicas para Cidades mais Inteligentes” e também trabalho com divulgação

científica falando muito sobre como as cidades podem se transformar, usando alta tecnologia ou não, né? Ou usando conhecimento aplicado, usando conhecimento que a gente tem disponível sem muito investimento para transformar a vida das pessoas, né? Na cidade. Esse é o... A minha trajetória tem sido toda nessa área e minhas pesquisas, minhas publicações, meus artigos têm sido sempre nessa área também.

[Trilha]

Cátia Muniz: Nós sabemos que para conseguir implementar ações de Desenvolvimento Urbano Sustentável e Transformação Digital é preciso, né?! Que as administrações municipais consigam recursos financeiros pra isso e no trabalho que desenvolvemos no traDUS, vimos que algumas cidades, principalmente as pequenas, tem pouco dinheiro para financiar esse tipo de ação, como por exemplo de infraestrutura básica que é construir creche, escola, posto de saúde e principalmente obras de Tecnologia da Informação e Comunicação, né?! De infraestrutura de Tecnologia da Informação e comunicação, porque essas infraestruturas elas exigem não apenas recursos financeiros como recursos técnicos, né? Precisam de pessoas especializadas que não é barato e essas ações, elas são importantes. Por que elas são importantes? Porque esse tipo de obra, ele pode ajudar a melhorar as condições de vida da população, né? Como por exemplo, oferecendo serviços básicos, né? Como professor, médico, mas também serviços online que as pessoas possam ter condições de acessar e saber usar esses recursos, né? Então, não basta apenas oferecer esse serviço, mas é também preciso dar condições às pessoas para ter acesso a esses serviços, né?! E saber utilizar esse serviço. Então, o senhor poderia falar um pouco para as nossas e os nossos ouvintes, o que as cidades podem fazer para buscar recursos para implantar planos e ações tanto no desenvolvimento urbano sustentável, como de transformação digital na sua cidade.

Hélio Costa: Olha, eu vou começar com uma frase que eu gosto muito quer dizer um autor desconhecido, mas dizem que é uma um provérbio africano, né? É que diz o seguinte: “você quer ir rápido, vá sozinho, mas se você quiser ir longe, vá junto” e nada mais é verdadeiro do que isso para uma realidade onde a gente tem mais 5.500 e tantos municípios, né? No nosso país, com diferenças tão grandes entre eles e mesmo que a gente fosse um país muito rico, mas muito rico, nós nunca teríamos condições de criar uma infraestrutura perfeita, maravilhosa para todos esses milhares, né? De municípios que nós temos, então é muito mais provável a gente ter sucesso quando a gente faz as coisas de maneira conjunta, o “conjunta” tem várias formas da gente falar sobre como trabalhar de maneira “conjunta”, mas ah... Uma delas é, por exemplo, procurar os pares, né? A gente vai pegar aí no estado de Minas, onde eu estou, por exemplo, são 850

municípios, muito pequenos, né? Mas muitos deles próximos uns dos outros e com realidades muito parecidas. Então é comum você ter um problema que aflige uma cidade e que poderia ser melhorado para que essa ficasse mais inteligente e que esse mesmo problema ocorre na cidade vizinha a 15 km de distância e outra de 25 Km e assim por diante. Então, procurar essas soluções de maneira conjunta é sempre mais fácil, porque... Principalmente, quando a gente fala de Tecnologia da Informação e Comunicação eh... Lembrando que uma cidade inteligente não necessariamente precisa de alta tecnologia para que ela se torne inteligente, mas no caso das TICS, né?! As Tecnologia da Informação e Comunicação, elas sim são ainda recursos caros para a maioria dos orçamentos dos Municípios. E aí pra você criar essa infraestrutura sozinho, só com recurso de uma Prefeitura pequena, de um é um município com 10 mil, 15 mil, 20 mil habitantes, realmente é difícil, porque você tem outras prioridades, né? Como você mesma falou Cátia, das investimentos básicos de educação, saúde, como é que eu vou oferecer serviços online de qualidade se eu não consigo resolver com o meu orçamento nem as coisas mais básicas? Nesse caso, muitas vezes o que a gente vai precisar é do apoio do setor privado, vai precisar de parcerias, né? Públicas, privadas, que hoje existe regulamentação, existe legislação, existe uma nova lei, por exemplo, de licitação e de compras públicas que facilita a aquisição de produtos que são de alta tecnologia que no passado não eram tão simples a contratação de empresas inovadoras, por exemplo, né? As chamadas startups. Isso tá sendo regulamentado ou regulado com o tempo. A gente teve um avanço muito rápido em matéria de tecnologia, mas um avanço lento em matéria de legislação e de evolução da nossa própria burocracia pra aplicar essa tecnologia nas soluções. Nós tínhamos muita dificuldade em fazer parceria público-privada, hoje isso está de certa maneira mais fácil, está sendo regulado ou regulamentado, né? E aí fica mais previsível de como você fazer, mas aí também muitas vezes não há interesse do setor privado, exatamente por causa do porte de um município. "Ah, eu vou fazer uma parceria com o município de 10 mil habitantes. E aí qual o retorno eu vou ter?". Se a gente pensar no setor privado, né? Que tem fins lucrativos, vai procurar volume para obter lucro, ele precisa né? Ter um número suficiente, né? De usuários ou de clientes. Então muitas vezes eh... Não faz muito sentido uma parceria de um município com uma empresa, com o setor privado, mas faz sentido com um consórcio, um grupo de municípios. E para isso, a gente éh... Tem hoje várias formas, né? De não só de iniciativa própria, de um município buscar outros, né? Da gestão Municipal buscar outros, mas as próprias associações, a gente tem as associações microrregionais, regionais, tem a própria Confederação Nacional dos municípios que auxilia, né? De maneira, principalmente essa agregação, né? Desses municípios, você descobrir oportunidades através de eventos, de encontros, descobrir outras empresas, empresas que queiram atender, né? Essas necessidades dos Municípios e outros municípios que tenham as mesmas necessidades. Então O que eu disse logo no

começo, ir longe, talvez você não vai tão rápido, mas você vai junto com outras pessoas, outras entidades instituições que têm conhecimento mais avançado ou melhor do que o seu ou o que já tem os contatos pra poder buscar as soluções e quando você se junta você tem mais força, você tem mais poder de negociação, que a gente chama de poder barganha, né? Quando você se apresenta como algo mais atrativo pras empresas privadas, existem as instituições, as ONGs, né? As instituições também que junto com elas a gente consegue muito mais força. Até porque várias delas, elas financiam também alguns tipos, né? A gente pode citar alguns exemplos, o próprio Banco Internacional de Desenvolvimento, a ISOC que é Internet Society, a sociedade de internet que leva projetos, inclusive faço parte da isoc e a gente tem projetos de financiamento de 100 mil dólares de 30 mil dólares, dependendo do caso eh... Onde a gente financia projetos pra, por exemplo, levar a internet em locais onde iniciativa privada não quer, não quer ir até lá, não é atrativo para ela. Então a uma instituição filantrópica, né? Desde que alguém apresente um projeto e esse alguém pode ser, quando eu digo alguém pode ser uma pessoa, pode ser um município ou pode ser, né? Um grupo, pode ser uma ONG. Alguém apresenta um projeto, se esse projeto for aprovado recebe financiamento a fundo perdido, ou seja, dinheiro, 100 mil dólares pra você construir uma infraestrutura pra levar a internet onde ela não está, né? Então esses são alguns dos muitos exemplos de oportunidades que a gente tem, principalmente quando se trata, né? De locais pequenos que não tem uma atratividade para as empresas privadas, porque não oferecem muita oportunidade de lucro éh... Não tem um recurso próprio, né? Pra poder investir em Infraestrutura de Tecnologia. Então essas são algumas das formas que a gente tem de procurar se associar com outros municípios, buscar empresas, buscar organizações, próprias instituições governamentais, né? Que podem auxiliar nesse processo de achar soluções e financiar essas soluções.

Cátia Muniz: Professor tocou numa questão bem importante, né? O Brasil tem 5.570 municípios e uma diversidade enorme. Então não dá para o que foi utilizado no município, não pode ser utilizado em outro, né? Então porque tem suas especificidades. Então nós estamos vendo que a questão não é só ter recursos né, professor? Para que uma cidade se desenvolva de forma sustentável, tem também saber onde investir esse dinheiro. Principalmente quando se trata de instalar uma tecnologia na cidade, né? Já que tem essa questão da diversidade. Então, por exemplo, né? Não dá para contratar um serviço de digitalização de documento se a Prefeitura não tem os equipamentos adequados para isso. Então o professor poderia nos contar um pouco como as cidades podem saber onde e como investir para que a população local seja de fato beneficiada e não comprar as tecnologias que não irão ajudar em nada a resolver os problemas do município?

Hélio Costa: Então eu vou voltar lá no objetivo estratégico quatro onde a gente falou de governança, governança é trazer mais gente para as tomadas de decisão. E essa é a melhor forma da gente encontrar quais são as melhores soluções onde investir pra gente não desperdiçar recursos é a gente ouvir quem vai ser diretamente afetado ou afetada por aquela solução, por aquela iniciativa e trazer essas pessoas, essas pessoas da cidade. E aí quando falam as pessoas, não é o setor, não é trazer os políticos, né? Os representantes éh... Vereadores, vereadoras, né? Secretários, secretárias, prefeitos, prefeitas, não. É trazer a população, todos os segmentos da população que serão afetados. E aí a gente tem, né? Uma diversidade enorme e aí de município para município também muda, né? Então cada município vai conhecer quais são aquelas segmentos que são mais ou menos afetados pelos problemas que a gente tem nas cidades, ouvir e trazer essas pessoas para tomar... Tomada de decisão pras escolhas e não achar que a gente sabe tudo, né? Porque a gente não sabe, né? Nem nós pesquisadores, nem a gestão pública Municipal, ela não sabe tudo, ela não tá na pele de quem sofre, né? Os problemas das cidades, os problemas que todas essas cidades têm em cada um com as suas peculiaridades. E aí você tem que ouvir as pessoas e trazer esses grupos todos, né? Pra mesa, pra tomada de decisão. Não é fácil porque muitas vezes as pessoas não se sentem parte, elas não se acham importantes, né? Nesse processo. Então é algo que é um esforço contínuo que a gente tem que fazer, tanto um esforço de humildade da gestão que é a gente se desfazer desse, dessa ideia de que nós conhecemos o que é o melhor para os outros, né? E assumirmos que nós não sabemos e que só as pessoas que sofrem é que sabem exatamente, né? Como é O sofrimento delas com aqueles problemas e que elas é quem vão trazer muitas vezes, elas não conhecem a solução, mas elas conhecem muito bem o problema e aí quando você conversa com elas e apresenta para ela soluções, elas vão te ajudar a escolher aquela que faz mais sentido para elas, porque essas soluções que vem de baixo, de cima para baixo, né? Ou de fora para dentro, né? Muitas vezes elas são desperdício de recursos, quando a gente tenta imaginar que é uma solução vai resolver o problema das pessoas sem ter passado por aquilo, né? E isso que eu tô falando é empatia, é você se colocar no lugar do outro pra que esse outro, se vai precisar da ajuda, né? Desse dessa outra pessoa pra poder te ajudar a tomar as melhores decisões, e é isso é exatamente o que nós precisamos fazer muitas vezes, é não só perguntar pras pessoas o que é melhor pra elas na hora de fazer os investimentos e cidades inteligentes, mas nos colocarmos, irmos até lá onde a cidade sofre, né? E irmos até o local onde estão as pessoas e aí sentir na pele aquilo que elas sentem.

Cátia Muniz: Essa questão que o senhor levantou da empatia, também tem um nome agora, né? No desenvolvimento das tecnologias que é o design participativo, né? Então

tem algumas empresas desenvolvedoras de tecnologia que já estão pensando em convidar os usuários, né? Para testar, não só testar, mas também dar opiniões sobre a tecnologia que está sendo desenvolvida, né? Que isso seria o ideal, né? Já que a pessoa, né? A pessoa que vai usar, ela poderia então participar, né? Desse design, desses dessa forma, né? De construir a tecnologia, né? Antes de chegar lá no mercado e ela só testar, né? Fazer todo o processo de construção da tecnologia que é extremamente importante. Então tem na construção e também tem na implementação que é o professor falou aí durante a sua narrativa aí sobre a questão de onde investir, né? De como investir, o quanto é importante, né? Que as pessoas também decidam que tipo de tecnologia vai ser implementada na cidade. Isso é um ponto extremamente importante, professor, que a gente aqui também dentro do projeto traDUS, a gente tem observado e tentado também colocar nas nossas vídeo aulas, nos nossos posts do Instagram essas questões também, levantaram essas questões, né? Da participação social como algo extremamente importante e a participação social, como o professor falou, ela não é simples, né? Precisa ser estimulada, precisa se sentir parte, né? E aí então no início no início da nossa conversa, nós falamos um pouco como as cidades pequenas, elas podem enfrentar mais dificuldade para conseguir financiamento e isso vai se complicando quando vemos que em alguns editais de financiamento e aí gente quando a gente fala de cidades inteligentes, eles acabam privilegiando os municípios que já possuem algum tipo de infraestrutura de tecnologia da informação e comunicação. Então professor, na sua opinião, o que pode ser feito pra essas cidades que ainda não possuem essa infraestrutura, mas querem promover essas ações de desenvolvimento urbano sustentável de transformação digital que sejam além das parcerias, né? Então, como que elas podem participar também desses editais ou elas podem reivindicar junto a essas agências de fomento que tenham editais voltados para ela. Então como que elas podem tentar enfrentar essas dificuldades para conseguir esses recursos?

Hélio Costa: Hoje a gente tem algumas instituições que têm linhas próprias de financiamento pra pra esse tipo de solução, o BNDES é uma dessas instituições e que muitas vezes os municípios não procuram, né? Acham que aquilo não é pra eles, né? Existe isso também um pouco do desconhecimento sobre as oportunidades que a gente tem, outro é um específico da Caixa Econômica Federal que também é para financiar parcerias público-privadas que na verdade ele financia as empresas que desenvolvem projetos junto com os municípios, né? Então esse fundo, ele libera o dinheiro para as empresas que vendem soluções implantarem isso, desde que o projeto tenha sido feito junto com a administração Municipal onde tem a Caixa, tem o Banco Nacional desenvolvimento econômico social. Existem os bancos estaduais, né? Regionais também, tem projetos então quase todos eles têm uma linha de financiamento pra isso, o que

muitas vezes acontece é a o as vezes é falta de conhecimento por parte de quem seria beneficiado e algumas vezes também a falta de conhecimento vem dessa falta de confiança de que eu seria beneficiado, porque acha que isso não é pra mim. Isso é para os outros a gente percebe as vezes isso. Eu como pesquisador, algumas vezes, já fui a alguns municípios e conversei com com gestores e gestoras em que você comenta, fala: “mas existe tal... ou por exemplo um tipo de isenção de impostos para algum tipo de coisa”, e a pessoa fala: “mas não, mas isso não é para mim”, eu falei: “Não, isso é exatamente para você, pra para esse caso”. Empresários, empresárias também. Por exemplo, uma cidade onde eu visitei há pouco tempo, um empresário me disse que tinha se mudado para aquela cidade porque aquela cidade oferecia uma isenção de impostos pra ele montar uma empresa de acordo com o número de empregados que ele, empregos que ele iria gerar, né? E eu apresentei a lei pra ele disse “não, todo... O estado inteiro, qualquer município do estado de Minas Gerais, tem esse benefício”. Então muitas vezes as pessoas, né? Empresários, empresárias e gestores públicos e gestoras, todo mundo toma decisões com desconhecimento, né? E a gente tem que procurar aprender mais, descobrir mais, buscar, criar de repente uma rotina, né? De aprendizado, de estudo, né dessas oportunidades porque elas existem sim, e também além das instituições existem as parcerias internacionais que aí também mais uma vez existe um meio, medo bloqueio, né? É de buscar esses recursos e existem vários tipos de parcerias de instituições internacionais que têm interesse de fazer projetos, né? Junto com cidades brasileiras, existem até alguns casos de cidades irmãs, né? Que você estabelece uma parceria entre uma cidade, por exemplo, na Ásia, na Europa e uma cidade brasileira, né? E essas cidades fazem transferência de tecnologia entre elas e fazem inclusive algum tipo de financiamento obviamente, né de países mais ricos para o nosso país em que financiam determinados projetos aqui no Brasil. A gente tem alguns casos de sucesso, mas isso foi por iniciativa da gestão pública que teve essa coragem, né? De éh... “Vamos tentar porque não, né? Será que isso só para os outros mesmo ou será que eu tenho, né? Acesso a isso? “. Então tem diversos casos, apesar de a gente não ter recurso para todo mundo, mas tem diversos casos que são surpreendentes e que você encontra alguns tipos, né? De fomento, financiamento para cidades que são improváveis, isso assim “poxa, mas essa cidade tão pequena, né? Conseguiu esse recurso”. Exatamente porque ela estudou, buscou, né? E encontrou essa oportunidade ou essa solução. Então tem um trabalho que a gente tem que fazer de pesquisa, né? O trabalho para os gestores e gestoras buscarem, né? Conhecer melhor, de repente ter um departamento dentro da prefeitura ou da Câmara ou uma ONG, né? Que auxilia na prospecção de oportunidades. ficar lendo editais, buscando as publicações, instituições parcerias com a universidades, com institutos de pesquisa, porque eles têm mais chance de conseguir aprovar projetos em agência de fomento, porque tem pesquisadores com doutorado, às vezes a prefeitura não tem, mas

uma instituição, né? De Ciência e Tecnologia, ela tem as condições de escrever projetos e de aprovar esse projeto, então mais uma vez, buscar ajuda fora, né? Ser humilde, buscar ajuda fora da instituição, chamada prefeitura ou da Câmara de Vereadores, né? E ser mais ousado e ousada, né? Acreditar que é possível também.

Cátia Muniz: Essa sua fala é muito importante, Professor. Somente para os municípios pequenos que acham que não tem, né? Onde buscar recurso. O senhor informou que tem Bancos, né? Bancos do Governo Federal que podem fazer esse financiamento e que eles podem buscar também recursos técnicos, recursos humanos também para ajudá-los, né? É a formular um projeto porque realmente um projeto pra esses bancos não é fácil de ser feito, mas buscando ajuda, buscando ajuda de um município que já fez, né? De alguém que possa contribuir também, né? Nessa ajuda, eu acho que é importante. Obrigada pela sua fala. Então vamos aproveitar, né? Que o professor está aqui para contar também um pouquinho, né? Sobre o curso de formação. Então o projeto traDUS ele tá produzindo o curso de formação e que irá tratar de todos os objetivos estratégicos da carta e nós vamos aproveitar que o professor aceitou nosso convite e tá aqui conversando com a gente para ele falar um pouquinho exatamente do módulo seis que aborda o tema de hoje do nosso Podcast que fala sobre os modelos e instrumentos de financiamento para que possam promover o Desenvolvimento Urbano Sustentável no contexto da Transformação Digital. Então Professor, você pode contar um pouquinho pra gente já adiantar um pouquinho o que vai ter no nesse curso do módulo seis da Carta?

Hélio Costa: Se o módulo seis além de tratar, né? De alguns conceitos e apresentação sobre a importância também, né? Importância e conceito de Tecnologia de Informação e Comunicação, ele fala e mostra vários exemplos práticos, ele traz várias fontes de informação de onde você pode buscar, por exemplo esses tipos de fundos de financiamento, tem fundos específicos, por exemplo para área de tecnologia pra escolas então. É o FUST, né? Que o Fundo de Universalização dos Serviços de Telecomunicações é um dinheiro que tá guardado, bilhões de reais guardado e agora que ele tá sendo criado um regulamento pra aplicação desse fundo, esse fundo tá aguardado há muitos anos e tá sendo, né? Acumulada há muitos anos e agora é que estão definindo como vão ser utilizados esses recursos do FUST. Então, por exemplo, existem hoje projetos para levar tecnologia de internet pra escolas em locais inacessíveis, existem vários projetos aí no módulo seis a gente traz alguns exemplos, alguns eh... Algumas instituições, né? Que fazem esse trabalho, também a gente fala sobre como você pode utilizar a tecnologia de informação até para melhorar a arrecadação Municipal eh... Como, por exemplo, um município pode pensar em investimento em tecnologia não só como um gasto mas como um próprio investimento para arrecadar mais, né? Existem várias formas, né? De

...você ter uma gestão mais eficiente, oferecer serviços é mais eficiente para o cidadão que você consiga aumentar a sua arrecadação por exemplo do IPTU, né? De outras fontes que você consegue através de serviços que são oferecidos, né? Pelo Município. Então a captação de recursos ela nem precisa, né? A gente aplicando o conhecimento, aplicando tecnologia que já está disponível nessas tecnologias que estão por aí éh... Ela nem precisa ser uma captação de recursos externos, muitas vezes o município ele tem recursos internos, né? Que devem ser utilizados com, né? A devida arrecadação de impostos, mas a prefeitura é ineficiente por deficiência, ineficiente nessa arrecadação por causa de deficiência de tecnologia aplicada. Então a gente fala sobre alguns tipos, né? De soluções, mostramos alguns exemplos práticos, né? A gente sabe, né? Das restrições de orçamento Municipal, como é complicado, né? E muitas vezes é até impossível fazer altos investimentos, por exemplo, a iluminação pública, em Recursos em câmeras de segurança, para colocar painéis pelo Município para melhorar a segurança pública, melhorar até a questão da mobilidade, mas existem empresas privadas que têm soluções para isso que tem interesse, né? De colocar essas soluções nos municípios e a gente procurar, né? “Como pode fazer para financiar isso?”. Então existem algumas instituições públicas que financiam esse tipo de solução, financiam pra empresa colocar lá, desenvolve uma parceria, ajudam na confecção ou na construção de um documento de um contrato de longo prazo, para que seja, por exemplo cedido o espaço do município, né? O espaço é urbano para que seja implantadas tecnologias de empresas. Então isso e durante algum tempo era muito incerto, né? Hoje não é mais incerto porque a gente não tinha muita legislação clara, né? E definitiva sobre isso. A situação está mudando, então lá no módulo seis a gente já traz um pouco sobre essas mudanças, auxiliando como é que você pode aprender mais pra poder aplicar essas novas leis aproveitando as oportunidades de todos os tipos, gerando mais arrecadação interna, fazendo captação externa, fazendo parcerias com setor público, setor privado e também descobrindo jeitos inovadores, né? E criativos de fazer essa transformação no sentido de que, se eu não consigo fazer sozinho, né? E se eu conseguir fazer isso com outras instituições, né? Com outros outras organizações, outras pessoas, pode ser que demore um pouco mais, porque você tem que discutir, tem que negociar muitas vezes, mas com certeza você consegue ir mais longe, esse mais longe significa trazer um impacto social maior para mais pessoas, mais duradouro porque é isso que a gente busca, não é uma solução imediata que resolva o problema dentro de um mandato de quatro anos, mas muitas vezes, ele vai ser depois por ser mal planejado, ele não dá continuidade nos benefícios, né? Ele só existe dentro daquele período enquanto você pode fazer algo duradouro, né? De longo prazo, muitas vezes o resultado não vai ser no ano que vem, mas né? Num planejamento mais bem feito, a gente consegue, no mais longo prazo, resultados mais duradouros também.

E é isso que a gente busca e tem várias sugestões sobre como fazer isso lá no módulo seis.

Cátia Muniz: A sua fala Professor sobre o FUST, deixa eu abrir um parênteses aqui que temos mais informações, né? Sobre esse fundo e também sobre formas de financiamento existentes no Ministério das Comunicações. Então, no episódio que nós trabalhamos com o Objetivo Estratégico dois, a Daniela Schettino fala um pouquinho, né? Sobre como eles podem as pessoas também os gestores e gestoras podem buscar recursos no Ministério das Comunicações. Quem não ouviu, né? Esse episódio ele pode, né? No podcast do Meio Fio e encontrar também outras informações que aí o professor trouxe também outras tantas mais e a gente nós agradecemos muito. O senhor, gostaria de acrescentar mais alguma coisa sobre o objetivo seis que não foi falado, não foi perguntado?

Hélio Costa: Na verdade, queria agradecer mais uma vez, né? Por estar aqui para ter essa oportunidade de falar, né? De um assunto como como a gente gosta de um assunto, gosta de falar sobre ele, né? E eu acho assim que a iniciativa né? Da do traDUS e da do curso, né? Sobre a Carta, sobre essa oportunidade, né? Única que se tem de poder fazer não só uma leitura, mas uma leitura com várias perspectivas. Eu acho que isso que é o mais legal, né do curso, do conteúdo que está sendo trazido, né? Pelo traDUS, não é só você fazer uma leitura de um texto árido, né? Com algumas normas, leis éh... Citações, tecnologias, mas a gente ter tudo isso tratado por várias perspectivas de pessoas geograficamente de regiões diferentes dentro do nosso país que tem informações e áreas diferentes e que estão todas elas trazendo as suas perspectivas para esse projeto eh... E com certeza essa diversidade deixa eh a as coisas muito mais reais, né? Não só um texto árido, né para ser lido como só uma aquisição, né? De um conteúdo, de um conhecimento, mas a gente pode pensar junto com essas pessoas, pensar junto com essas experiências. Então, tem sido pra mim também uma experiência éh excelente tá participando do projeto e espero que quem esteja ouvindo, né? Esse podcast que faça o curso, que se inscreva, né? Para fazer, né? O curso de introdução, de formação, né? Na Carta Brasileira pra Cidades Inteligentes, que tenha também esse prazer, né? Que é que a gente tem de ter contato com o conteúdo, mas também com as ideias, as opiniões, os exemplos, os casos, né? As perspectivas de gente tão diversa desse país tão brilhantemente diverso, né e complexo, porém, por isso mesmo delicioso de viver.

[Trilha]

Cátia Muniz: Foi um prazer, professor Hélio, tê-lo aqui novamente com a gente conversando, né? Sobre mais um Objetivo Estratégico da carta. Tenho certeza que as

gestoras e gestores estão bem mais informados agora sobre financiamento. Então eles podem agora consultar essas diversas fontes de financiamento que o senhor trouxe e também outras, que eles possam estar olhando, né? Os ministros, próprios Ministérios Federais que também tem linhas de financiamento. Então nós agradecemos. Agradecemos também, né? O Hector aqui por nos ajudar. As nossas ouvintes, os nossos ouvintes por estarem com a gente aqui nesse Episódio. Obrigada a todas e a todos.

Hector: Então acompanhe os episódios que estão por vir. Se ainda não nos seguem, deixo aqui o convite para que sigam o podcast Meio-fio no seu agregador preferido de podcast. Estamos no spotify, apple podcasts, castbox, google podcasts, entre tantos outros. Nos sigam também no instagram para mais conteúdos sobre a carta e outros assuntos no @projetotradus. Voltaremos em breve com mais conteúdos para vocês. Até o próximo episódio.

[Trilha]